



RAÍZES DA SINGULARIDADE: AUTOGENIAS NA FILOSOFIA CLÍNICA

Aida Maria Lovison

Resumo

Autogenia diz respeito aos aspectos organizacionais e às relações possíveis e prováveis, imediatas e remotas entre os tópicos da Estrutura de Pensamento de cada pessoa. Os elementos nela trabalhados se referem, comumente, a choques, associações e combinações tópicas. Autogenia é, por sua vez, a resultante de tudo o que ocorre e se relaciona, circunstancialmente, ao partilhante, tais como as Buscas, as Emoções, sua Axiologia e Expressividade. Seus níveis autogênicos indicam, sem dúvida, a sua gama de interseções, resultante das afinidades, abrangências e derivações. Chegar à compreensão do modo como o partilhante se encontra é um trabalho que se dá por aproximação e que exige do filósofo clínico cuidado e pacienciosidade. O objetivo último terapêutico, nesse sentido, é estimular o partilhante a se reapropriar da forma de ser, pensar e agir como meio para um retorno ao interior de si próprio. Nem sempre esse é um processo fluido e claro para o partilhante ou para o terapeuta. Portanto, em busca de um melhor entendimento a esse respeito, este artigo se propõe a estudar os princípios constitutivos desse conceito e sua aplicação metodológica, a partir do pensamento de Lúcio Packter, relacionando-o às teorias da *Circunstância* de Ortega Y Gasset e da *Individuação* de Carl Jung.

Palavras-chave: Autogenia. Circunstancialidade. Individualidade.

Abstract

Autogeny concerns organizational aspects and possible and probable, immediate and remote relationships between topics of the Structure of Thought of each individual. The elements analyzed are commonly referred to shocks, associations and topical combinations. Autogeny is, in turn, the result of everything that occurs and relates circumstantially to the sharer, such as Searches, Emotions, Axiology and its Expressiveness. Its autogenic levels indicate without doubt its range of intersections, resulting from affinities, scopes and derivations. Coming to an understanding of how the sharer is, is itself a work that is given by approximation and one that requires care and



patience by the clinical philosopher. The ultimate therapeutic goal, in this sense, is to stimulate the sharer to reappropriate the way of being, thinking and acting as a means for a return to the inside of himself. This is not always a fluid and clear process for the sharer or for the therapist. Therefore, searching for a better understanding in this regard, this article proposes to study the underlying principles of this concept and its methodological application from the thought of Lúcio Packter, relating it to Ortega Y Gasset's *Circumstance* and to Carl Jung's *Individuation* theories.

Keywords: Autogeny. Circumstantiality. Individuation.

1. Considerações preliminares

Épocas e contextos são constituídos de elementos que caracterizam padrões diversificados e amplos. Nesse sentido, a pessoa inserida em cada contexto cultural, situação social e época histórica se estabelece, por sua vez, de um modo singular. A Filosofia Clínica, ao assumir a singularidade como modo de ser, alcança, sob certos procedimentos metodológicos, uma síntese existencial na Autogenia. O que circunscreve a individualidade como aspecto único, singular e irrepetível de um *eu* em *circunstância* é o seu padrão autogênico. Autogenia é, portanto, a resultante de tudo o que ocorre com a pessoa, entre as quais: Buscas, Emoções, Axiologia, Epistemologia. Ela diz respeito aos aspectos organizacionais e às relações possíveis e prováveis, imediatas e remotas entre os tópicos da Estrutura de Pensamento (EP).

As relações continuadas, os contextos e os movimentos inerciais da EP operam de diversas maneiras. De tal forma, um determinado nível autogênico indica uma gama ampla de interseções que acontecem por decorrência, afinidade, abrangência e derivações. Os elementos comumente trabalhados se referem a choques, associações, combinações e relações entre tópicos. Aqui, a pessoa é vista em processo. As variações são muitas, complexas e os limites são permeáveis, devido a singularidade e plasticidade. Nesse sentido, a subjetividade empírica corresponde aos conceitos que vão em direção à pessoa. Os estudos são poucos, e é sempre de forma aproximada que podemos apreender o modo como a pessoa se encontra existencialmente.

Os movimentos autogênicos são próprios de cada pessoa e podem acarretar mudanças de patamar existencial. É o caso nas Autogenias verticais e transversais; ou podem ocorrer, predominantemente, sob a forma de acomodações e ajustes, a Autogenia



horizontal, foco dominante neste estudo. O essencial nessas questões é que, meio delas, apreendemos, modificamos, desenvolvemos e recriamos nosso modo existencial, isto é, readequamos o *eu* que se manifesta em *circunstância*. Elucidar quais elementos permitem à pessoa compreender-se e, a partir disso, lidar melhor com seu fluxo existencial, é um dos objetivos da Filosofia Clínica ao trabalhar com a Autogenia.

Dessa forma, este artigo se propõe a estudar os princípios constitutivos da Autogenia e sua aplicação metodológica. Nesse caminho, procuraremos construir pontes entre alguns princípios das teorias de Lúcio Packter, José Ortega Y Gasset e Carl Jung, por acreditar que são, de alguma forma, correspondentes. Com isso, almejamos levantar pistas de reflexão capazes de oferecer um suporte terapêutico a quem delas necessite e que sejam, inclusive, geradoras de uma cultura humanizante.

2. Autogenia e Singularidade: aspectos da personalidade

Autogenia diz respeito aos aspectos organizacionais e às relações possíveis e prováveis, imediatas e remotas entre os tópicos da EP da pessoa. É a resultante do que ocorre com a pessoa, em sua malha intelectual, tais como: as Buscas, as Emoções, sua Axiologia e Expressividade. Autogenia é o conjunto de aspectos que caracterizam a individualidade e singularidade da pessoa, podendo modificar-se ao longo da vida.

É importante observar que, dependendo do patamar existencial em que se encontre cada pessoa, a vizinhança muda, podendo dificultar ou impedir a alteração de um nível autogênico. Denominamos “vizinhos a tudo o que entra em contato com a EP e interfere de alguma forma”.¹ A força da vizinhança está na sua composição, seja ela o amor, a beleza e o carinho ou quando, há mágoa, rancor e ódio; são próximos e conversam entre si. O que destoa não vai conseguir entrar e não perdura; vai embora ou vira outra coisa. Vizinhos são pessoas, pensamentos, ações, coisas que influenciam; possuem características próximas e podem, inclusive, ser sazonais, efêmeros.

Cada patamar existencial tem a sua especificidade e o objetivo na terapia filosófica é conseguir atingir um nível que dê ao partilhante um rumo existencial mais recomendável, isto via qualidade da interseção. Índícios mostram se a pessoa vive em um patamar adequado a ela: incômodos, desarranjos, deslocamentos continuados. Há

¹ DI PAULO & NIEDERAUER, 2013, p.250.



peçoas, como já foi dito, que não querem levar adiante uma mudança, e seus movimentos autogênicos se dão num patamar existencial horizontal, sob a forma de ajustes e acomodações. Para outros, porém, no padrão civilizatório atual, que é marcado pelo uso exacerbado da razão, nada há para se trabalhar em clínica, a não ser num patamar mais alto. Neste, as coisas tendem a se resolver de outro modo, pela espiritualidade, por afinidade, entre outros.

Uma arquitetura autogênica pode, por conseguinte, levar a EP a perpetuar sua permanência em um nível de densidade. Pode, também, por um movimento inercial, elevar a EP a um outro patamar. Pode, inclusive, ocorrer um nível de densidade em andamento. Uma série de movimentos surge em cada um desses âmbitos.

Metodologicamente, o que permite à clínica filosófica acompanhar a maneira pela qual a pessoa, fenomenologicamente, plasma suas vivências ao longo da vida como subjetividade empírica, em sua plasticidade e singularidade, tem início, de certo modo, antes mesmo da Historicidade. O próprio contato com o partilhante, desde o início, já é um procedimento clínico e, muitas vezes, profundo.

Formalmente, todavia, o processo terapêutico se inicia com a Historicidade, que é um procedimento clínico essencial, passando pelas Análises Categorias, Dados Divisórios e Enraizamentos. A seguir, é feita a Análise da Estrutura de Pensamento, como totalidade, visando a uma síntese, a Autogenia², que é visão ampla do modo como a pessoa se encontra existencialmente. É nesta etapa em que o Filósofo Clínico, em escuta atenta, vai compreendendo o que é determinante e importante na trajetória existencial do partilhante, observando, nesse processo, a existência de choques, seja entre os tópicos ou destes com os Submodos. Nestes casos, os conflitos podem agir como freios existenciais, interrompendo a caminhada do partilhante numa volta para si mesmo, impedindo-o de encontrar, em termos autogênicos, um rumo existencial mais recomendável.

Na abordagem orteguiana, a Historicidade não se limita a uma verdade revelada nem científica, mas é, antes de tudo, um conteúdo vital, que se dá numa experiência pessoal, intransferível, livre, racional e circunstancial.³ Nesse sentido, movimentações para cima ou para baixo, orientadas por procedimentos clínicos, são movimentações vitais que exigem sustentação. Tais movimentações devem vir acompanhadas de um estudo

² Cf. PACKTER, 2001.

³ Cf. ORTEGA Y GASSET, 1998a.



apurado sobre as vizinhanças e, assim, promover ajustes que possibilitem uma reestruturação, não importando a direção tomada.

Portanto, Autogenia e Singularidade são duas faces de uma mesma moeda. Singularidade é a expressão fenomênica da pessoa, é a expressão individual. Singularidade diz respeito àquilo que caracteriza a pessoa enquanto tal, em seu modo de ser, pensar e se manifestar. Autogenia, por sua vez, é a referência intraexistencial do complexo nas interrelações, a partir, é claro, das circunstancialidades. Autogenia é a manifestação de uma identidade, processo singular, íntimo e vital.

3. As manifestações autogênicas como singularidade

Autogenia é um tópico da EP e um procedimento submodal. Enquanto tópico diz respeito às relações tópicas dinâmicas, enquanto procedimento é uma ferramenta de organização funcional dos conceitos; material esse elaborado depois de uma criteriosa coleta de dados a partir da Historicidade. Cada pessoa possui um mundo existencial único e essas relações podem variar de acordo com a idade, contexto, situação, entre outros.

Geralmente, pessoas que trazem para a clínica questões ligadas à Autogenia, são pessoas que, na sua vida, já alcançaram um determinado bem estar. Muitas vezes, os problemas a serem tratados não dizem respeito, necessariamente, a uma falta, mas podem estar relacionados a uma readequação existencial. Nesse sentido, há casos de combinações curiosas e também há casos em que a Autogenia não é relevante. Então, essa é uma daquelas dimensões existenciais que, em clínica, exige cuidado e acurácia. Como a Autogenia tem a ver com organização, há que se ter cuidado, uma vez que nem sempre a organização é critério de aplicação procedimental para todas as pessoas. Umas precisam dela para viver bem; outras precisam da bagunça. Estamos, portanto, diante de uma consideração sobre aspectos da Autogenia que transcendem a Lógica formal.

As questões existenciais ligadas tipicamente à organização são muitas. Então, o melhor, talvez, quando nos referimos a questões existenciais, é que nós conseguíssemos modular os nossos padrões autogênicos, trabalhando-os, simultaneamente, de dentro para fora e de fora para dentro. Essa é a fonte da consciência de si mesmo circunstanciado pelas relações.⁴ Tal procedimento permite à pessoa alterar seus padrões autogênicos para

⁴ Cf. ORTEGA Y GASSET, 1998b.



mais ou para menos, deixando de serem reféns de fatores externos, como por exemplo, de situações ligadas à visão de mundo, questões relativas à espacialidade, circunstancialidade, tempo e relação. Por que razão seria regulada minha liberdade pela consciência alheia, já perguntava, há dois mil anos, Paulo de Tarso.

Mas há variações naturais nos padrões autogênicos, seja para maiores ou para menores elevações. Nesse sentido, é possível alterar padrões autogênicos, com elevações gradativas. Cabe ao Filósofo clínico observar quais tópicos são determinantes na EP da pessoa e quais que influenciam a Autogenia. Pela Historicidade é possível perceber tudo isso. E é por meio dela que o terapeuta decidirá pelo encaminhamento ou não do procedimento da modificação autogênica. A atenção clínica é primordial, dado que esse pode não ser o encaminhamento mais adequado.

Aqui, há dois aspectos a pontuar. Primeiro, a Autogenia não tem a ver com depuração da razão: uma pessoa com baixo padrão intelectual, no que concerne à racionalidade, pode ter um padrão autogênico altíssimo. Uma coisa não está, necessariamente, ligada à outra. Há pessoas serenas que não se manifestam pelo Abstrato, nem pela Estruturação de Raciocínio, nem pela Epistemologia; sua expressão de vida se dá por outros modos, seja pelas Emoções ou pelo Sensorial. Isso não infere, necessariamente, em graus autogênicos. O segundo aspecto a pontuar é que um nível autogênico precisa de sustentação: quando há uma elevação autogênica sem sustentação, ou seja, quando ela é artificial, seja ela baseada em alucinógenos ou medicação provisória ou, até, por palestras de auto-ajuda e boas notícias, há o risco de oscilações ainda maiores. Compreender, do ponto de vista funcional, para onde a Autogenia dirige e oferecer uma sustentação gradual, é determinante em clínica.

Além disso, há que saber se a queixa trazida pelo partilhante é uma queixa tópica ou se é autogênica. O princípio do cuidado em Filosofia Clínica trata de dizer que cada pessoa se constitui e se manifesta de modo próprio, onde a singularidade é assumida como consciência da individuação. Este é o modo, em Jung, da pessoa tornar-se ela mesma, isto é, distinta de todas as outras. Nesta topografia reside o princípio de identidade existencial que, sob Jung, enfatizam três atributos: o objetivo desse processo é o desenvolvimento da personalidade; pressupõe e inclui relacionamentos coletivos; e envolve normas sociais.⁵

⁵ Cf. SAMUELS, SHORTER & PLAUT, 1988.



Sob este aspecto podem ocorrer os freios existenciais, oriundos do meio ou da própria pessoa sob a forma, por exemplo, de Pré-juízos e Agendamentos, exigindo do Filósofo clínico um olhar atento.

4. Autogenia, Cultura e Sociedade: entornos de um eu *circunstanciado*

A busca de um entendimento aproximado quanto ao modo de ser e de agir de um *eu* em *circunstância* é o que permite à clínica filosófica situar existencialmente a pessoa, como subjetividade empírica. Essa análise permite à pessoa ir descortinando, em perspectiva, o que ela faz com aquilo que fizeram dela. A noção de perspectiva com a qual Ortega trata o acesso à verdade corresponde ao que se pensa como real, não se formando independente do sujeito, mas pelo modo do viver que oportuniza que as coisas sejam tais como sua representação, nos ajuda a ilustrar esse processo.⁶ Nesse sentido, o retorno à Historicidade, como verdade subjetiva, é fundamental.

Ademais, na visão orteguiana, a realidade radical que aproxima o *eu* e *circunstância* é a vida. Do conceito de circunstância, Ortega quer chegar ao objeto central de sua filosofia: a vida. A vida é única e não se confunde com circunstância, pois ela não é pura recepção do que se passa em volta do eu. A vida é o que cada pessoa faz com a circunstância.⁷ E isso é perceptível através de um órgão específico: a razão vital. Cada vida está, por sua vez, submersa em uma determinada circunstância coletiva. Essa noção é ampliada com a meditação sobre coetaneidade, pela qual em um mesmo tempo histórico vivem diferentes gerações com diferentes concepções de vida.⁸

Se levarmos em conta a Historicidade e os Exames das categorias, podemos identificar uma série de elementos que mostram que, numa sociedade como a atual, a maioria das pessoas tenha se afastado essencialmente de si mesma, assumindo princípios que não são os seus. Em linhas gerais, quanto maior e mais intenso o afastamento de si mesmo, mais perceptível fica o quadro terapêutico: datado, circunscrito e traduzido em uma impressão interna de farsa, de embuste existencial, dubiedades, ambiguidades, reações desproporcionais diante de elementos ligados a interseção, padrão de mentira e simulação, ceticismo moderado e generalizado, entre outros.⁹

⁶ Cf. ORTEGA Y GASSET, 1993.

⁷ Cf. IDEM, 1998c.

⁸ Cf. IBIDEM, 1994.

⁹ Cf. PAKTER, 2014b.



As manifestações autogênicas são peculiares a cada pessoa, mas no afastamento de si há padrões: é a atribuição de caracteres internos a sistemas de referências externas. O outro passa a ser parte de nossa identidade remota, pois o eixo de identidade se desloca para áreas que geram dependências. Esse afastamento de si, muitas vezes, é premiado pela sociedade e persiste em nome do sucesso, do poder e da cobiça.

Nessa mesma sociedade, porém, algumas pessoas conseguem permanecer mais próximas a elas mesmas, às inclinações de suas almas, às suas aptidões, mostrando algumas dessas características de época, dentre as quais: expressão de sentimentos como o amor, a amizade, a sinceridade; tendência existencial a um bem pelo bem; inspiração por apenas estar vivo, sem outras causas; inclinação a ser responsável pelo que lhe acontece, não imputando culpas; estabelecimento de vínculos íntimos e duradouros; visão generosa e esperançosa de um modo geral; consideração da existência mais em termos de experiências do que propriamente por ganhos e perdas; capacidade genuína de amor e de perdão; manuseio com aprendizagem e paz diante dos problemas; mente pacificada.

Mas não existe, de modo algum, um modelo mental preestabelecido, e as buscas em torno das questões existenciais não são definitivas. Na interseção da pessoa com o contexto, dependendo do modo como as coisas se apresentam na malha intelectual da pessoa, há uma série de partições que vai se tornando, no decorrer do processo, uma outra coisa.

O ser humano se constrói a partir das representações e tudo o que o mundo inclui ou pode incluir é inegavelmente dependente do sujeito, não existindo senão para o sujeito.¹⁰ Há, assim, o sujeito e suas representações, de tal forma que tudo o que o mundo inclui ou pode incluir é dependente do sujeito, não existindo a não ser para ele.¹¹ Mas isso não nos autoriza a fazermos o que bem entendemos, sob a alegação de que, é nossa opinião e está correto. Dessa maneira, a ponderação do Filósofo clínico é primordial.

Nesse sentido, para a Filosofia Clínica há dois tipos básicos de verdade: a verdade subjetiva - aquela que habita o nosso coração - e a verdade convencional - a do sinal verde do semáforo, dizendo que a passagem está aberta para nós. A verdade subjetiva de uma pessoa pode, sob determinadas condições, se associar harmoniosamente, ou colidir, ou negar, ou aumentar, ou refletir, ou evitar a verdade convencional. Assim, o fato de uma pessoa manifestar genuinamente sua verdade própria, isto não lhe dá o direito, ao

¹⁰ Cf. SCHOPENHAUER, 2005.

¹¹ Cf. PACKTER, 2001.



fato, de fazer aquilo que lhe dá vontade sem disso ter de prestar contas. Nesse sentido, verdades subjetivas aliam-se a normas sociais numa perspectiva de confluência constantes.

Existencialmente, verdades alimentam vizinhos. Para os nossos dias, um modo de seletividade aponta para segmentos existenciais como o amor, o carinho, a bondade. Quando a pessoa alimenta vizinhos contraditórios, gera estados confusionais, cisão na Estrutura de Pensamento. O que não é coerente ou vivência legítima a EP rejeita.¹²

Algumas pessoas conseguem escolher seus patamares existenciais; é o caso de Sócrates, Gandhi, Madre Teresa que, apesar de estarem nas suas respectivas sociedades, souberam, sob estruturação interna, em muito transcendê-las. No entanto, estas não foram pessoas cujas vidas foram predestinadas, mas que, nas perspectivas das circunstâncias, predestinaram seus níveis existenciais a um patamar particularmente considerável.

Adquirir fluência nas Autogenias é algo complexo e exige muito esforço e paciência. Vários movimentos ligados a intuições, a premonições, singularidades e experiências extraordinárias podem ocorrer em estágios mais avançados.¹³ A postura do filósofo no consultório é de prudência, cuidado e zelo. E teorizações em torno do tema, o que não vem a ser o caso para o momento, exigem uma investigação criteriosa, aliada à experiência como fruto de uma prática clínica eticamente alicerçada. Vale lembrar que não haverá habilidade em termos de trabalho com a Autogenia sem a acurácia da Historicidade, ponto de partida imprescindível na clínica filosófica.

5. Considerações finais

Na Autogenia, a mudança de patamares é constituída por interrelações e dar-se conta disse já é abrir uma possibilidade de recomeço. Ao falar em Autogenias, há de lembrar, portanto, que para além das intencionalidades racionalizantes, existem surpresas, que não estão contempladas, apesar de todo o planejamento clínico. Aí entra a habilidade do filósofo clínico diante do imprevisível e do inesperado. Nesse sentido, há uma estética de interseção que sabe ponderar entre o possível e o obtuso.

O contexto cultural em que nos encontramos tem oferecido sérios riscos. Investir numa filosofia do cuidado, do acolhimento amoroso, da escuta atenta é investir numa maneira de desintoxicar o *eu* em vista de salvagardá-lo. A fragilidade das

¹² Cf. PACKTER, 2014a.

¹³ Cf. IDEM, 2014b.



intencionalidades fabricadas tem exposto a humanidade a viver um *eu industrializado*. A sociedade da Revolução Industrial usou um recurso, a infantilização pelo ter, o qual muito lhe custou, posteriormente, para sua manutenção, redundando na crise de identidade do atual paradigma. Perante esse cenário é que o trabalho terapêutico é primordial: a clínica filosófica demanda tempo, escuta, acolhimento, delicadeza e paciência. É trabalho que exige acompanhamento e desdobramentos num viés de lição de amor e fé na vida, a arte que acolhe o indizível e ensaia a transgressão quando a vida é ameaçada pela solidão, pelo medo e pela escravização interna e externa.

Nesse sentido, o trabalho terapêutico se remete à subjetividade que deve ser pensada em constante construção. De suas circunstâncias se pode dizer, nem voluntarismo puro, nem intencionalidade abrupta. Subjetividade remete a singularidade, cuja consciência é o receptáculo onde a visão de mundo se apresenta em perspectiva, numa vontade de expressar o que há em todo o ser.¹⁴ O retorno do indivíduo a si mesmo é uma das pautas de um futuro próximo. É essa a fluidez necessária às grandes façanhas de uma humanidade que se aprimora. Para tanto, em lugar da Armadilha Conceitual, a Busca esperançosa; em lugar da pretensa vontade única, a generosidade que acolhe sem submissão; enfim, em lugar da queixa angustiante, a alegria de viver. Pois a vida é arte e uma arte da Busca! Amo a vida!

Referências bibliográficas

DI PAULO, Margarida. N. & NIEDERAUER, Mariza. Z. (2013). *Compêndio de Filosofia Clínica: caso Nina*. Rio de Janeiro: Livre Expressão.

ORTEGA Y GASSET, José. (1998a) *El origen deportivo del Estado*. In: *Obras Completas*. 3. reimpresión, v. II. Madrid: Alianza.

_____. (1998b) *Sobre la expresión fenómeno cósmico*. In: *Obras Completas*. 3. reimpresión, v. II. Madrid: Alianza.

_____. (1998c) *Temas de viaje. El espectador IV*. In: *Obras Completas*. 3. reimpresión, v. II. Madrid: Alianza.

¹⁴ Cf. ORTEGA Y GASSET, 1998d.



_____. (1994). *El tema de nuestro tiempo. In: Obras Completas. 2. reimpresión, v. III.* Madrid: Alianza.

_____. (1993). *Meditaciones del Quijote. In: Obras Completas. 2. reimpresión, v. I,* Madrid: Alianza.

PACKTER, Lúcio. (2014a). *Programa Conversando com Lúcio Packter: os afastamentos de si mesmo e os caminhos de volta.* Disponível em: <<https://www.facebook.com/ConversandocomLucioPacktera>>. Acessado: 17 de maio de 2014.

_____. (2014b). *Programa Conversando com Lúcio Packter: Autogenias II.* Disponível em: <<https://www.facebook.com/ConversandocomLucioPacktera>>. Acesso em 23 maio 2014.

_____. (2001). *Filosofia Clínica: Propedêutica.* 3ª ed. Florianópolis: Editora Garapuvu.

SAMUELS, A.; SHORTER, B. & PLAUT, F. (1988) *Dicionário crítico de análise junguiana.* Rio de Janeiro: Imago.

SCHOPENHAUER, Arthur. (2005). *O mundo como vontade e representação.* São Paulo: Editora UNESP.